

DESLOCAMENTOS, CARTOGRAFIAS E DISPOSITIVOS POÉTICOS

Carla Borin Moura / PPGAV – Universidade Federal de Pelotas

Flavia Leite / PPGAV – Universidade Federal de Pelotas

Eduarda Gonçalves / Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

O presente texto discorre sobre alguns pressupostos que orientam as ações desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Deslocamentos Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel), liderado pela Prof^a Dr^a Eduarda Gonçalves e pela Prof^a Dr^a Alice Jean Monsell. O Grupo realiza caminhadas e excursões a locais da Cidade de Pelotas e arredores para prospectar, habitar, observar, percorrer e investigar, como mote para vivenciar ludicamente o espaço e também potencializar os processos criativos dos participantes. Dentre as ações realizadas pelos deslocamentos destacamos e versamos sobre o Projeto Cartas Circulantes que revela por meio de cartões postais a paisagem do sul pelo ponto de vista de diferentes artistas.

PALAVRAS-CHAVE

deslocamento; cartografia; paisagem; dispositivo; cartas circulantes.

ABSTRACT

This paper discusses premises that guide the actions developed by the Research Group Displacement Observances and Contemporary Cartography – DESLOCC (CNPq/UFPel), headed by Profa. Dra. Eduarda Gonçalves and Profa. Dra. Alice Jean Monsell. The group performs tours through places in Pelotas and region to prospect, to live, to watch and to investigate this space to enhance the creative process of the participants. Among the actions the Circulating Letters Project revealing through postcards Southern landscape from the point of view of different artists.

KEYWORDS

scroll; cartography; landscape; circulating letters.

O presente artigo discorre sobre o processo de criação que originou dispositivos visuais que dão a ver uma outra concepção da paisagem do sul do Rio Grande do Sul, mais especificamente sobre a cidade de Pelotas e seus arredores, tendo como enfoque os modos de experimentar e perceber os contextos locais. O objetivo da pesquisa Deslocamentos e Cartografias Contemporâneas vinculada ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (CNPq/UFPel) é mapear produções artísticas que versem sobre alguns aspectos da paisagem da região sul, e a partir deste mapa, realizar ações e produções artísticas. O Grupo DESLOCC é composto por artistas que estão em formação e outros que já possuem a formação superior em artes visuais, história, filosofia e letras. Entre eles, graduandos, especialistas, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores. A diversidade de interpretações e os modos de ver a paisagem foram suscitados por algumas leituras coletivas, experiências e pela trajetória artística de cada um. A questão da paisagem foi estudada em diferentes literaturas, mas foi a leitura de *A invenção da Paisagem* de Anne Cauquelin (2007), que despertou a possibilidade de reinventar o imaginário artístico e o cotidiano em torno deste gênero histórico. As reflexões suscitadas pela leitura compartilhada pelos participantes do DESLOCC, nos conduziu a compreensão que as imagens que consideramos “paisagens” não são de fato experiências destituídas de subjetividade, pessoais, mas sim construções culturais, sociais e históricas de tipo muito específico de imagens da Natureza. Embora isso pareça óbvio, ainda recorre a premissa que a natureza é paisagem. A natureza é paisagem na vista de alguém, entre molduras de um quadro, num enquadramento fotográfico. Cauquelin revela: A paisagem é um projeto [...]. A natureza se dava apenas por um projeto de quadro, e nós desenhávamos o visível com o auxílio de formas e de cores tomadas de empréstimo a nosso arsenal cultural (CAUQUELIN, 2007, p. 26).

O deslocamento físico e mental, a escuta e o olhar enquanto proposta de uma experiência que nos possibilite conceber paisagens, nos conduziram a diferentes reflexões, e verificamos que as percepções estão intimamente ligadas à relação que cada um tem com o espaços de vivência. Isto nos remete mais uma vez à experiência de leitura coletiva de Cauquelin (2007), cujo texto nos revela a existência de paisagens afetivas, interiores, culturais, e o quanto estas influenciam as nossas leituras

de mundo, o qual cotidianamente nos relacionamos. Outro livro que nos levou a procura de nossa concepção de paisagem foi a *Estética do Frio*, de Vitor Ramil, em que o músico expressa seu desassossego, quando em seu apartamento em Copacabana, Rio de Janeiro, no mês de junho, quando inicia o inverno no Brasil, vê imagens veiculadas pela televisão de uma festa popular na Bahia. Ele relata:

Não consigo me sentir próximo do espírito daquela festa, embora, esteja igualmente seminu e com calor e a notícia seja apresentada num tom de absoluta normalidade, como se aquilo fizesse parte do meu dia a dia. Assisto a seguir uma matéria sobre a chegada do frio no sul. Vejo o Rio Grande do Sul. Vejo campos cobertos pela geada na luz branca da manhã, [...] vejo homens de pala andando de bicicleta, vejo águas congeladas, vejo gente esfregando as mãos, gente de nariz vermelho, [...], vejo o chimarrão fumegando. Seminu e com calor, reconheço imediatamente aquele universo comomeu. Mas as imagens agora são apresentadas num tom de anormalidade, de curiosidade, de quase incredulidade, como se estivessem chegando de outro país – “fala-se em clima europeu” - o que faz com que eu me sinta estranhamente isolado, mais do que fisicamente distante. Tenha a incômoda sensação de estar no exílio e ver, ao mesmo tempo, o Rio Grande do Sul de perto, por dentro e além das imagens. Percebo então o quanto me sinto separado do Brasil. (RAMIL, 1993, p. 11)

Nesta parte do livro Ramil revela-se perpassado por um comportamento que afigurasse nas vestimentas, hábitos e na paisagem do sul. Ao longo do texto, ele traça uma breve cartografia de nossa cultura sulina, todavia enfatizando seus gostos culturais e musicais, assim como, revela uma concepção pessoal da paisagem urbana de Pelotas e a paisagem campesina sulina. Uma paisagem de SATOLEP, este lugar poético criado pelo músico. Ao encontro desta narratividade tão precisa e ecoante, no que tange ao reconhecimento deste modo de ser daqui, fomos ao encontro de particularidades que pudessem nos conduzir a um outro modo, ou uma outra maneira de dar a ver o que em Vitor pode ser diferente em nós. Por meio das leituras, das conversas e interesses poéticos começamos a nos indagar: como é a minha paisagem sulina? Constatamos que tínhamos outros pontos de vista de uma estética do frio, pampeana. Então foi lançada uma proposição que visava a elaboração de duas narrativas pessoais sobre o sul, o frio, uma por meio da linguagem visual e outro da linguagem verbal. Durante os encontros foram apresentadas as produções, na grande maioria em fotografia e ensaios verbais. O olhar e a escuta nos conduziram a diferentes reflexões sobre a nossa região, a nossa cidade, o nosso bairro, a nossa

casa, o nosso corpo. O grupo partiu em busca de suas paisagens e, fundamentou os procedimentos no método da cartografia, que:

[...] visa acompanhar um processo, e não representar um objeto... A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que tem em vista descrever, discutir e sobre tudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (KASTRUP, 2009, p. 32).

Vários procedimentos artísticos foram adotados pelos participantes desta pesquisa – o reconhecimento do lugar, a utilização de registros fotográficos e o ato de caminhar pela cidade. Atravessar o espaço físico e ser atravessado por ele e que quando percorrido promova a imaginação, o encantamento, o enigma advindo de um estado contemplativo especial, que reverbere sentidos os mais distintos, incitando a laboração artística e potencializando produções singulares por meio de fotografias, vídeos, ações, textos e conceitos poéticos. Um deslocamento distinto dos trajetos diários, das práticas burocráticas do ir e vir na cidade, e da anestesia que somos submetidos pelo sistema de consumo e pelo mundo funcional. Uma excursão, um estado de errância enquanto tática para desviar da recepção passiva.

Michel de Certeau (1996) também fornece aporte para a reflexão sobre o ato de praticar o espaço através do ato de caminhar pela cidade (1996, p. 179), o que o autor denomina de enunciações pedestres. O espaço se torna lugar através da ação de um sujeito que produz a história e relações sociais do lugar, através do ato de praticar o espaço e de apropriar-se do lugar, ou seja, torná-lo singular (1996, p. 201).

E, procedimentos artísticos foram lançados, inserimos algumas imagens geradas em nossas caminhadas em dispositivos que pudessem ser partilhados em situações distintas num cartão postal, meio apropriado para disponibilizar um outro aspecto dos lugares cogitados, menos turísticos. O objetivo das cartas é que circulem pelas redes postais e que revelem uma vista específica, denotada pela experiência única com a cidade. Isso porque, o que é dado a ver não é um enquadramento de um aspecto natural ou cultural comum do local, mas a relação entre o local e o sujeito que o observa. Dispositivo entende-se:

[...] temos assim duas grandes classes, os seres vivos (ou substâncias) e os dispositivos. E, entre os dois, como terceiro, os sujeitos. Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer do corpo a

corpo entre viventes e os dispositivos. [...] Ao ilimitado crescimento dos dispositivos no nosso tempo corresponde uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação. (AGAMBEN, 2009, p. 141).

Os dispositivos a que Agamben se refere, disseminados em nosso tempo, são a internet, os aparelhos celulares, as redes sociais, o correio eletrônico entre outros tecnológicos, que somam-se a linguagem, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, todos que de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes, constatação oriunda de um estudo acerca do conceito do termo em Michel de Foucault. As cartas circulantes, enquanto dispositivo é oriundo de um processo de subjetivação do próprio meio, cartão postal, no que tange ao formato característico de uma carta de endereçamento rápido. Um meio que possibilita a circulação e disseminação da produção artística, muito utilizado pelos artistas nos anos 60. Um arte impressa e múltipla, que contempla, em nossas ações no DESLOCC, um outro modo de conceber aos outros a paisagem sulina. Os postais do Grupo DESLOCC, dispositivos de compartilhamento, que assim como os cartões postais enviados pelos viajantes aos amigos e familiares, com o intuito de revelar vistas da cidade visitada, cumprem o papel de dar a ver estes espaços inventados, que na cidade se refazem no olho e no pensamento dos artistas. São vistas singulares, menos óbvias no que tange aos cartões postais usuais que remetem a paisagem, as construções “mais” conhecidas, que identificam popularmente o local visitado.

A partir das proposições realizadas, das caminhadas e dos registros da paisagem, participamos do projeto-ação “Respirando Junto” da artista e integrante do Grupo DESLOCC, Camila Hein, com o lançamento de um conjunto de 19 postais que geraram o projeto Cartas circulantes (fig.1). O evento aconteceu em 12 de agosto de 2013 no espaço Tripléx Arte Contemporânea, situado aqui na cidade de Pelotas-RS. Esta ação coletiva propôs a aproximação e o diálogo de várias vistas, concebidas ou não como paisagens do sul. Os artistas que participaram da ação que moravam em Pelotas, participantes do DESLOCC foram: Alice Monsell, Ana Terra, Beatriz Rodrigues, Camila Hein, Carla Borin, Cláudio Carle, Danielle Costa, Duda Gonçalves, Flávia Leite, Laura Torres, Lica Barbachan, Mariane Rosenthal, Raquel Ferreira e Tôni Rabello. E, outros artistas foram convidados para enviar sua paisagem Claudia

Paim e Cláudio Maciel (Rio Grande/RS) e de Hélio Ferverza e Maria Ivone dos Santos (Porto Alegre/RS) (figs.2,3). Todos estes gaúchos pampeanos, residem ou residiram nesta região conhecida como o pampa gaúcho. Ferverza nasceu em Livramento e Santos em Vacaria, embora atualmente residam em Porto Alegre.

Lançamento postais
cartas circulantes

RESPIRANDO JUNTO
dia 12 de agosto as 18:30
local: Triplex Arte contemporânea

Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas (CNPq UFPe)

Alice Monsel
Ana Terra
Beatriz Rodrigues
Camila Hein
Carla Borin
Claudia Paim
Cláudio Carle
Cláudio Maciel
Danielle Costa
Duda Gonçalves
Flávia Leite
Hélio Ferverza
Laura Sacco
lica barbachan
Maria Ivone dos Santos
Mariane Rosenthal
Raquel Ferreira
Toni Rabello

Realização:
TRIPLEX
Arte Contemporânea

Convite projeto *Cartas Circulantes*, 2013



Postais do projeto *Cartas Circulantes*, 2013
Fotografia Carla Borin



Postais do projeto *Cartas Circulantes*, 2013
Fotografia Eduarda Gonçalves

Um dos registros fotográficos (fig.4) apresentado no formato postal no projeto Cartas Circulantes foi “Desenhos do Tempo I”, de Carla Borin, a imagem do postal (Fig.5,6) é oriunda de uma caminhada pela cidade de Pelotas. Neste, o registro fotográfico de uma paisagem em deterioração, um pedaço de madeira queimada pela ação humana, evidenciando um apagamento das marcas, dos sinais do tempo, a imagem também nos mostra uma madeira esquecida ao tempo, onde os pequenos pedaços de sua casca caem, parecendo uma pele, que seca, que descasca, que resseca e que se esvai. A imagem do postal acolhe uma janela da paisagem em decomposição, estas janelas são para Borin, assim como para a artista Karina Dias “os lugares das minhas paisagens, das minhas escolhas, são a medida do meu olhar” (2011, p 3771).

A imagem dá a ver os sinais, os rastros, do tempo que transformam a paisagem urbana pelos poucos trações da natureza encontrada em Pelotas. Os desenhos feitos pelo tempo nos troncos das árvores mapeiam a passagem do temporal e concedem à paisagem uma autonomia, uma identidade própria. Os pormenores de um tronco de uma árvore agenciam a imagem fotográfica, revelando um olhar próximo e focado, são como janelas que descortinam o que é invisível na cidade.

Elaborar os trabalhos para constituir um novo território, inventado e reconfigurado a partir da prospecção de elementos mínimos que compõe a paisagem, vem sendo a ação de Borin junto ao DESLOCC. Os veios de uma árvore e os acontecimentos em torno destes, instauram espaços possíveis e imaginados quando acolhidos pela lente fotográfica. Ao inserir uma parte da superfície que recobre a árvore num cartão postal, invertendo sua posição de captura, tornando horizontal o que ao olhar é vertical, instaura-se um outro território, aquele agenciado pelo olhar, atravessado pela experiência com os elementos que compõe de maneira quase invisível o lugar e as coisas de uma urbe que atravessamos correndo, dando a ver a complexidade que é possível encontrar no banal.

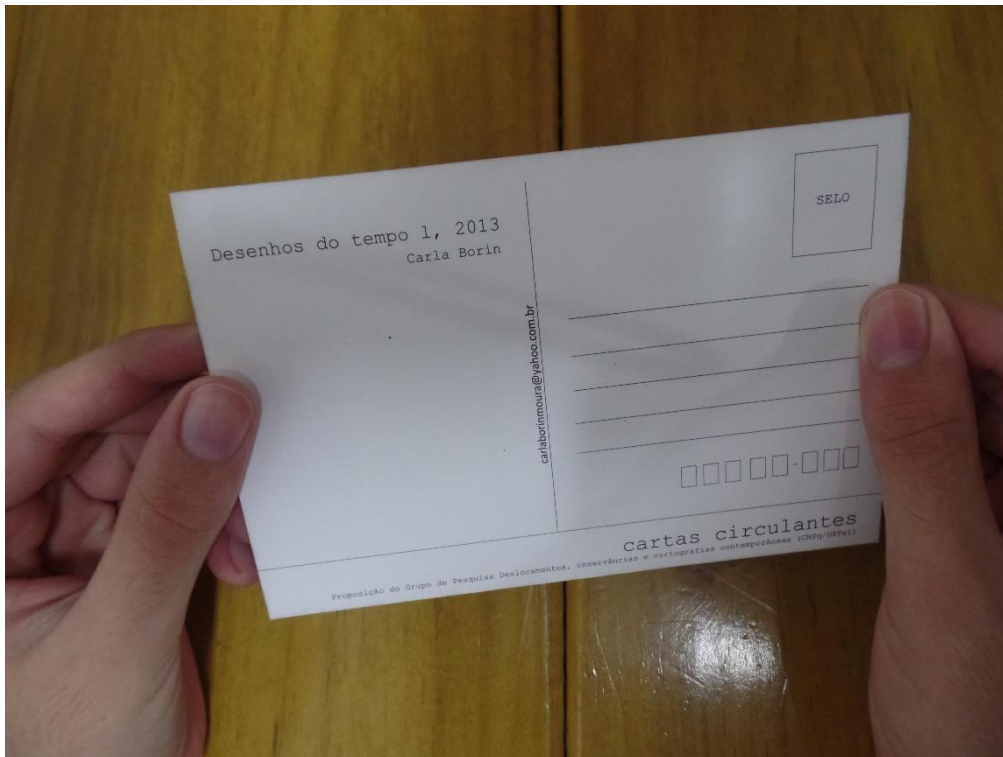
Borin investe nas convergências e trânsitos relacionados a imersão, ao olhar atento ao entorno e nas possibilidades de relacionar e pensar os trabalhos, utilizando o espaço como uma janela da percepção, ativando-o e criando possíveis deslocamentos através do sujeito que o habita e da experiência agenciada.



Carla Borin
Desenhos do Tempo I, 2013
Fotografia



Carla Borin
Desenhos do Tempo I, 2013
Postal



Carla Borin
Desenhos do Tempo 1, 2013
Verso do postal

Outro registro fotográfico (fig.7) apresentado no projeto Cartas Circulantes é o de Flávia Leite, a imagem do postal é referente ao deslocamento do corpo em espaços mais esvaziados da cidade de Rio Grande. A proposição foi realizada a partir do conhecimento e vivência do corpo no espaço das cidades. O postal “Invento” (Fig.8,9) é uma instalação de arte contemporânea na paisagem, é um meio de sentir o vento perpassar o nosso corpo, porque o balanço pode ser o objeto que em seu deslocamento faz com que percebamos o vento; sendo assim uma espécie de vento inventado. A instalação reinventa o espaço, podendo modificar a percepção de quem vivencia, traçando relações de espaço, dimensões, percebendo a imensidão que nos rodeiam. A reflexão que gerou a ação parte inicialmente de duas composições: “Invento” de Vitor Ramil que diz: – Oh vento que vem / pode passar / Inventa fora de mim / outro lugar... e a canção “Cais” de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, interpretada por Elis Regina, que diz: – Eu queria tanto ser feliz / Invento o mar / Invento em mim o sonhador... A intervenção tinha o objetivo de ativar o espaço e repensar a paisagem, pois o trabalho propõe sentir o vento produzido em seu deslocamento no balanço. O trabalho teve seus registros em fotografia e vídeo.



Flávia Leite
Invento, 2013
Fotografia



Flávia Leite
Invento, 2013
Postal



Flávia Leite
Invento, 2013
Verso do postal

Portanto quando produzimos narratividades singulares ativamos a paisagem, reafirmamos o espaço da cidade como um campo de investigações artísticas, estéticas e políticas. Igualmente, podemos considerar a *Estética do Frio* de Vitor Ramil, *A invenção da Paisagem* de Cauquelin, os diálogos, a apresentação das produções artísticas, os relatos dos processos e as caminhadas pelos espaços de Pelotas e arredores como agentes desencadeadores das reflexões e experiências poéticas praticadas pelo Grupo DESLOCC. Por meio, de diálogos compartilhados a produção imagética e os textos recriam a paisagem e o imaginário relacionado à cidade. A atenção ao que nos afeta cotidianamente foi cartografada de múltiplas formas pelos artistas do grupo. Tendo em vista a instauração de um processo de produção artística, constatamos que as discussões que versam sobre os deslocamentos, a paisagem sulina, o cotidiano, questionam e ampliam as nossas crenças, o nosso imaginário coletivo, a imagem estereotipada e construída culturalmente. Nesse sentido colocamos para conversar as nossas múltiplas influências e referências, e isto nos levou a repensar coletivamente o conceito de paisagem, promovendo um “estado de suspensão das certezas”, como

em Cauquelin (2007, p.27), que nos faz pensar a paisagem singularmente, reinventando infinitamente a cidade, a paisagem e nós mesmos.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo*. Chapeco: Argos, 2009
- CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo, Companhia da Letras, 1990.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.
- DREXLER, Daniel. *Templadismo*. <http://danieldrexler.blogspot.com.br>, acessado em 13 de junho de 2013.
- KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulina, 2010.
- RAMIL, Vitor. A estética do frio. In: FISCHER, Luis Augusto, GONZAGA, Sergius (org). In: *Nós os Gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.
- Dias, Karina. A Prática do banal, uma inspiração paisagística. http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina_dias.pdf, acesso em 2013.

Carla Borin Moura

Artista visual; Bacharela em Letras pela Faculdade Imaculada Conceição, FIC, Santa Maria, RS; Especialista em Artes na terminologia de Ensino e Percursos Poéticos – UFPel, Pelotas, RS; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel, Pelotas, RS, na linha de pesquisa processo de criação poéticas do cotidiano. Integrante do Grupo DESLOCC (CNPq/UFPel).

Flávia Leite

Artista visual; Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel- Pelotas, RS, na linha de pesquisa processo de criação poéticas do cotidiano. Integrante dos Grupo de Pesquisa DESLOCC(cnpq/UFPel) e Cupins da Gravura.

Eduarda Gonçalves

Orientadora, artista plástica, doutora e professora dos cursos de graduação e mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel, líder do grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas DESLOCC (CNPq/UFPel).